



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante recebimento do Prêmio Especial Personalidade do Ano 2010, oferecido pela Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil
São Paulo-SP, 22 de novembro de 2010**

Eu sei que a fome começa a falar alto no estômago de cada um de vocês, mas aguardem, porque é o meu último discurso na Câmara de Comércio Portugal-Brasil.

Meu caro embaixador João Salgueiro, embaixador de Portugal no Brasil,
Meus caros companheiros ministros de Estado: Orlando Silva, do Esporte; Luiz Barretto, do Turismo,

Meu caro companheiro senador Aloizio Mercadante,

Meu caro prefeito Gilberto Kassab,

Meu caro Antônio Pita de Abreu, presidente da EDP do Brasil,

Meu caro Luiz Nascimento, acionista do Grupo Camargo Corrêa,

Meu caro Manuel de Almeida Tavares Filho, presidente da Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil,

Meu caro Embaixador brasileiro em Portugal,

Empresários,

Convidados,

Amigos e amigas da imprensa brasileira,

Ser agraciado com o Prêmio Especial Personalidade do Ano da Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil é mais do que uma honra. É a oportunidade de novamente reafirmar a convicção no extraordinário potencial do relacionamento entre os dois países. Nossos povos têm laços inexoráveis, construídos ao longo de uma história de mais cinco séculos.



Estar aqui hoje é, para mim, como cidadão brasileiro e como presidente da República, uma forma de fortalecer mais ainda esses traços comuns de nossa cultura, dos nossos costumes e do muito que podemos continuar a fazer juntos.

No âmbito comercial, o intercâmbio bilateral entre os nossos países aumentou 206% de 2002 a 2008. Esse fluxo foi duramente atingido pela crise financeira internacional em 2009. Mas, aos poucos, vamos recuperando o fôlego, confiantes nas oportunidades que continuam se abrindo para as nossas nações.

Portugal foi um dos principais países investidores no Brasil na década de 90 e continua em posição de destaque sendo, possivelmente, o maior investidor, em termos relativos, no Brasil. Desde 1998, Portugal investiu no Brasil valor próximo de € 20 bilhões. Hoje, há mais de 600 empresas brasileiras com capitais portugueses, correspondendo à geração de mais de 110 mil postos de trabalho.

Nos próximos anos, certamente vamos contar com a experiência desenvolvida pelas empresas portuguesas nos preparativos para o campeonato europeu de futebol, o Euro 2004, que poderão participar das concorrências associadas à realização da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos em 2016.

Em contrapartida, os investimentos diretos brasileiros em Portugal também têm crescido, em 2009, fazendo de Portugal o sétimo principal destino dos capitais brasileiros em todo o mundo. Nessa onda de investimentos produtivos e financeiros de empresas brasileiras em Portugal, um exemplo é a participação da Camargo Corrêa e da Votorantim, que passaram a deter posições majoritárias no capital da maior produtora de cimento portuguesa, a Cimpor.

A Petrobrás também abriu escritório de representação em Lisboa, no começo deste ano, para desenvolver atividades relacionadas à exploração de



petróleo na costa portuguesa, juntamente com as petrolíferas portuguesas Galp Energia e Partex, com as quais mantém parcerias na área de biocombustíveis.

Outra grande empresa brasileira, a Embraer, assinou, há dois anos, acordo com Portugal para a construção de duas fábricas de componentes em Évora. São investimento da ordem de € 148 milhões, que criarão 500 postos de trabalho altamente especializados.

Sabemos todos que a intenção de ambos os países é aumentar os investimentos e intercâmbios econômicos e comerciais. Um bom caminho nesse sentido será a realização conjunta de encontros entre empresários e investidores portugueses e brasileiros, especialmente nas áreas de software e infraestrutura.

Mas nós aprofundamos não apenas os vínculos econômicos. Na verdade, vem se amplificando em diversos setores o diálogo entre duas sociedades que desejam e precisam se aproximar cada vez mais. Evidentemente, as fortes afinidades culturais e educacionais entre os dois países multiplicam essas potencialidades.

A criação de espaços comuns luso-brasileiros é a melhor maneira de consolidar e reforçar nossos projetos nacionais de desenvolvimento e de conquista de maior espaço geopolítico no cenário internacional. Espaços como o Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta, instituído em 2000, que prevê a promoção de cimeiras bilaterais anuais. A mais recente, a décima, foi realizada em maio passado, em Lisboa. Também instituímos a Comissão Permanente Bilateral e o Mecanismo de Consultas Políticas, que são instrumentos essenciais à preservação da fluidez do diálogo entre nossos países.

Temos intensificado os contatos diplomáticos e empreendido esforços no sentido de ampliar as possibilidades de ações concretas para promover a cooperação. Por ocasião da Quarta Reunião da Comissão Permanente Brasil-Portugal, em Lisboa, em 29 e 30 de abril deste ano, foram identificadas as



áreas de energia; ciência, tecnologia e inovação; e promoção, difusão e projeção da língua portuguesa como prioritárias para o relacionamento bilateral. No caso das energias renováveis, identificamos oportunidades de cooperação científica e tecnológica. Iniciativas que podem caminhar, posteriormente, para o estabelecimento de cooperação triangular com países africanos interessados na implementação de um modelo de desenvolvimento limpo e sustentável. O que nos une nesse exercício de diálogo é a cultura, a vivência histórica compartilhada e a língua portuguesa, que ajuda a fortalecer nossa parceria e permite uma maior compreensão e apreço pela herança que temos em comum.

Essa parceria ganha novos contornos e profundidade num mundo marcado por crescente desigualdade e por ameaças globalizadas. Como antídoto a isso, rejeitamos soluções impostas de forma unilateral e apostamos na eficácia do multilateralismo, do diálogo e da cooperação.

Esse Brasil que se ergue hoje de forma pujante muito deve à visão e ao destemor dos filhos de Portugal, que ousaram atravessar um oceano para construir uma ponte de amizade e trabalho a nos unir de maneira indissolúvel. Quero, portanto, agradecer a honra que me foi prestada pela Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil, nesta solenidade em que celebramos os seus 98 anos de existência, e dar os meus parabéns a todos aqueles que investiram seu trabalho e seu talento nessa instituição quase centenária. Estou convencido de que a dedicação de todos vocês foi – e continuará sendo – fundamental para reforçar os laços comerciais, históricos, culturais e afetivos do povo brasileiro.

Meus companheiros e companheiras,

Como de hábito, para prejuízo de quem está com fome, eu, habitualmente, não tenho nos documentos por escrito aquilo que eu gostaria de falar de verdade aos portugueses e aos brasileiros. Prometo, prometo não



atrapalhar muito o jantar, mas queria dizer duas coisas que eu considero importantes.

Durante muito tempo, Portugal se afastou do Brasil e, durante muito tempo, o Brasil se afastou de Portugal. Houve dois grandes equívocos: o de Portugal, possivelmente, achando que o Brasil era um país que, no século XX, tinha perdido a sua importância enquanto nação empreendedora, enquanto nação com perspectiva de desenvolvimento; e o Brasil achando que não era necessário manter uma relação prioritária com Portugal, porque tínhamos parceiros muito maiores na Europa e no mundo.

Possivelmente, nós nunca levamos em conta a importância da língua como uma vantagem comparativa na relação entre Portugal e Brasil, tanto para que o Brasil adentrasse a Europa, quanto para Portugal adentrar a América do Sul e a América Latina. Possivelmente, meu caro Presidente, porque houve determinados momentos no Brasil em que nós desprezamos isso, porque o bonito era estar subordinado àquilo que nós chamávamos de grandes economias mundiais. O bonito era você estar ligado aos Estados Unidos e o bonito era você estar ligado à Europa, não via Portugal, mas via Alemanha.

Nós descobrimos, mais recentemente, que Brasil e Portugal podem muito mais do que o seu tamanho, do que o seu tamanho geográfico ou o seu tamanho populacional. Não é apenas isso que conta na relação entre dois países mas, sim, a capacidade de abrir oportunidades e abrir portas que essa relação pode estimular.

Eu me orgulho de ter incentivado empresa brasileiras a montarem subsidiárias em Portugal. Me orgulho profundamente de ter conversado com vários empresários e de tentar convencê-los de que era importante que a gente montasse empresas brasileiras em Portugal para que, a partir de Portugal, a gente pudesse ocupar um espaço infinitamente maior na Europa.

Da mesma forma, que é com muito orgulho que tenho trabalhado a vinda de empresas portuguesas para o Brasil. E quando a gente houve o nosso



companheiro homenageado, o companheiro Pita, em nome da EDP, falando do sucesso dos investimentos em energia elétrica, nós precisaremos olhar a perspectiva do Brasil para os próximos 20 ou 30 anos. Nós não temos que olhar o Brasil apenas até 2011, ou apenas até 2015. Nós temos que olhar para o Brasil em uma perspectiva de médio e longo prazo, discutindo as oportunidades do Brasil em relação a outros países do mundo, seja na questão agrícola... Se é verdade que tem mais chinês comendo, mais indiano comendo, mais pobre comendo na América Latina, mais pobre comendo na África, é verdade que nós precisamos olhar o mundo e ver qual o país que tem tecnologia. E nós temos, via Embrapa, a mais importante empresa de tecnologia da agricultura tropical do planeta Terra, e nós temos no Brasil a maior quantidade de sol, de água e de terra agricultável para atender à demanda de alimentos do mundo, combinando duas coisas importantes: a maior capacidade de produção em uma menor quantidade de hectares possível e a maior utilização da fotossíntese, produzida pela natureza, para a produção de alimentos. Nós seremos imbatíveis, companheiro Aloizio Mercadante, quando o mundo precisar comer mais - e Deus queira que queiram comer mais - porque aqui nós temos terra para plantar comida para muita gente. Finalmente, aquilo que eu ouvia quando eu era pequeno, o Brasil, me parece que resolveu se transformar no celeiro do mundo.

Mas não é apenas isso. Se alguém quiser discutir o crescimento tecnológico da indústria petrolífera no mundo, hoje, vai ter que olhar para o Brasil e vai ter que começar a estudar o pré-sal. Eu tenho orgulho, meu caro Pita, de ter na minha sala uma pedra tirada a 5,7 mil metros de profundidade, guardada lá há mais de 165 milhões de anos, guardando um petróleo que é a nova fronteira de enriquecimento deste país. Mais ainda, por conta da indústria petrolífera, meus companheiros – e a Camargo Corrêa sabe disso – nós estamos fazendo uma revolução na indústria naval neste país, e poderia dizer: nunca antes na história do Brasil nós tivemos a possibilidade de fazer a



indústria naval brasileira ser a primeira do mundo, pela quantidade de contratações de navios petroleiros, de navios de carga para a indústria privada, de navios de apoio à Petrobras, de navios de segurança, de plataformas e de sondas, que nós precisamos construir aos montes para atender não apenas a nossa demanda interna, mas para atender à demanda que países vizinhos vão precisar. Nós não precisamos mais importar da Coreia, não precisamos mais importar de Cingapura. Nós poderemos produzir, gerando mão de obra de brasileiro, tecnologia de brasileiro, salário de brasileiro e renda para brasileiro.

Ao mesmo tempo, eu queria lembrar ao nosso querido companheiro Pita, que falou do programa Luz para Todos, um programa que certamente muita gente aqui, nesta clareza, não tem noção do que é o programa Luz para Todos. Nós tínhamos gente que morava a 500 metros de uma hidrelétrica, e que os fios passavam por cima das casas dessas pessoas, e elas não tinham o direito de ter energia elétrica. Nós descobrimos, em 2004, que tinha 2 milhões de residências, no Brasil, que não tinham energia elétrica. Resolvemos fazer o programa Luz para Todos, financiado pelo governo federal. Até agora já investimos – não gastamos – investimos R\$ 14 bilhões no programa Luz para Todos; já fizemos 2,568 milhões de ligações, significa 2,568 milhões de casas em que nós já entregamos. O IBGE tinha dito, em 2004, que nós tínhamos 2 milhões de casas sem energia. Nós fomos a campo, já fizemos 2,6 milhões e descobrimos mais quase um milhão. É por isso que eu fiz um decreto agora, no final do ano, prorrogando o Programa para 2011 para que vocês não desativassem o ímpeto de vocês, de continuarem fazendo o programa Luz para Todos. Já foram atendidas 12.844.565 pessoas; nós já utilizamos 947 mil transformadores; já utilizamos 1,2 milhão de quilômetros de fios, o que daria para que a gente desse mais de 30 voltas no planeta Terra. Se alguém quiser... Se a EDP quiser enrolar o planeta Terra é só utilizar os fios do programa Luz para Todos; e já colocamos 6,448 milhões de postes, por conta do programa Luz para Todos. E esse programa - a EDP é testemunha – ele é importante,



porque ele gera emprego no local, as empresas contratam a mão de obra no local, as empresas produzem o poste no local. As empresas, então, conseguem gerar o desenvolvimento de uma economia no local.

Depois que as pessoas adquirem o programa Luz para Todos, tem gente que fala: “Mas o Lula está cuidando só dos pobres que não têm energia elétrica!”. Pois bem, na hora que chega a luz à casa de uma pessoa, 89% compram televisores; 87% compram geladeira, 59% compram aparelho de som; imaginem as outras coisas que as pessoas compram, por conta de a gente levar à casa delas um direito elementar, que é o direito à energia elétrica.

Estamos levando energia a lugares do estado do Amazonas, que está custando quase R\$ 10 mil a ligação, e nós fazemos de graça. Muita gente poderia dizer: “Por que o Lula está gastando R\$ 10 mil para levar energia a um cara do Amazonas? Ficava melhor pagar aluguel para ele, para morar na Avenida Copacabana, na Avenida Atlântica, ou trazer ele para a Avenida Paulista”. Não! É que nós achamos que o cidadão que mora no Amazonas tem o mesmo direito de receber a energia que recebe o companheiro que mora na Avenida Paulista, e somente o Estado é que pode garantir a todos a oportunidade de ter os mesmos direitos.

Por isso, meus queridos companheiros e companheiras, eu fico olhando a relação Brasil-Portugal, eu fico imaginando, em 1.500, quando o Rei de Portugal resolveu convencer Pedro Álvares Cabral a vir para o Brasil, a andar não sei quantos meses em um barco pequeno, que em 1.500 [2000], quando se comemorou os 500 anos, o Brasil não conseguiu produzir uma caravela que fizesse o mesmo que fez a caravela construída 500 anos atrás. Eu fico imaginando a agonia dos portugueses para chegar ao Brasil e descobrir este Brasil.

Pois bem, aquilo que parecia um obstáculo entre Brasil e Portugal, que eram 8 ou 10 mil quilômetros de oceano, na verdade, hoje, significa um caminho, uma ponte, uma oportunidade. Basta que o Brasil compreenda que



ele não tem que ter relação com quem é o maior, ele tem que ter relação com o que é o melhor para nós. E Portugal é um país importante e estratégico para o Brasil manter uma relação importante, e a língua é a vantagem comparativa.

Ao mesmo tempo, Portugal tem que se orgulhar, tem que se orgulhar. Primeiro, de o Brasil ser o único país colonizado, do mundo, que teve um rei morando aqui, que passou a ser mais importante do que o colonizador. Obviamente que a gente olha a colonização do Brasil e compara com a colonização de qualquer país do mundo, a gente pode ter até alguma crítica a Portugal, mas a gente tem que dizer: foi com os portugueses que nós aprendemos a fazer tudo o que nós fizemos no país. Fazer uma independência sem ter uma guerra, fazer uma independência em um acordo proposto pelo próprio Imperador não é para qualquer um, é só para um bom português.

Eu acho que isso permeou a consciência do povo brasileiro, e é por isso que nós somos uma nação. Enquanto a gente vê todo mundo fazendo guerra a toda hora, enquanto a gente vê todo mundo brigando por petróleo, todo mundo brigando por tudo, aqui no Brasil nós, muitas vezes, preferimos um bom acordo do que uma pequena guerra. Um bom acordo e um grande acordo é sempre muito melhor, e é por isso que este país deve muito a Portugal.

Queremos, meus companheiros, dizer a vocês, empresários portugueses, que nós não temos tempo a perder. Nós temos Portugal e temos os países africanos de língua portuguesa, que devem ser a nossa prioridade no estabelecimento e no fortalecimento da nossa relação política, econômica e cultural. O resto virá depois.

Um abraço, obrigado pelo prêmio, e boa sorte para todos nós.

(\$211 A)